

JEAN-LOUIS FETJAINE

As Rainhas de Púrpura — I
A CORTESÃ

Apresentação das personagens
(organizada por ordem alfabética)

AUDOVERA: primeira esposa de Quilperico. Mãe de Teodeberto, Meroveu, Clodoveu e Basina.

BRUNILDE (543-613): filha mais nova de Atanagildo, rei dos Godos de Espanha. Rainha da Austrásia.

CARIBERTO (520-567): rei de Paris. Filho mais velho de Clotário.

QUILDEBERTO (495-558): irmão de Clotário. Primeiro rei de Paris.

QUILPERICO (539-584): quarto filho de Clotário. Rei de Suessião e depois da Nêustria.

CLOTÁRIO (498-561): filho de Clodoveu. Rei de Francia. Pai de Cariberto, Gotrão, Sigeberto e Quilperico.

EGIDÍO: bispo de Remos.

FORTUNATO (Venantius Honorius Clementianus Fortunatus): poeta romano da corte da Austrásia.

FREDEGUNDA (543-597): terceira esposa de Quilperico. Rainha da Nêustria.

GALESVINTA: filha mais velha de Atanagildo, rei dos Godos de Espanha. Segunda esposa de Quilperico e rainha de Ruão.

GOTRÃO (532-593): segundo filho de Clotário. Rei de Orleães e da Borgonha.

PRETEXTATO: bispo de Ruão.

SIGEBERTO (535-575): terceiro filho de Clotário. Rei da Austrásia e esposo de Brunilde.

PREFÁCIO

OS MEROVÍNGIOS

A história dos reis Merovíngios começa na verdade por volta de 388, quando o rei Clódio assume definitivamente o comando dos Francos sálicos¹, uma das inúmeras tribos germânicas que impulsiona a queda progressiva do Império Romano. Os sálios, que muito cedo se tornam aliados de Roma, instalam-se entre o Mar do Norte e o Mosa, a norte da actual Bélgica. A Clódio, primeiro rei «histórico» dos Francos, sucede, em 447, Meroveu, fundador da dinastia dos «reis cabeludos²», à qual dá o seu nome. O reinado de Meroveu será curto, mas tornar-se-á célebre pela sua participação, em 451, na batalha dos Campos Cataláunicos, ao lado das legiões romanas de Aécio que lutavam contra os Hunos de Átila. Batalha gigantesca: ter-se-ão confrontado quinhentos mil homens, jazendo mais de cento e cinquenta mil mortos. É, sem dúvida, neste momento que Meroveu conquista o seu nome, Marowech, que significa «Grande Combate».

Com a morte de Meroveu, seu filho Childerico reforça a aliança com os Romanos, no intuito de consolidar sobretudo o seu trono, ameaçado por forças internas. Morre em 481, deixando quatro descendentes, dos quais o primogénito: Clodoveu.

Clodoveu, «Combate de Glória», como seu verdadeiro nome, tem quinze anos quando seu pai morre. Governa um território modesto, situado entre o Reno e o Soma, em torno da actual Bélgica e cuja capital é Tournai, comparativamente ao reino «romano» de Siágrio, em redor de Paris, ao dos Visigodos na Aquitânia, ao dos Burgúndios, da Borgonha até à Provença, ou mesmo aos dos Francos renanos, ou dos Alamanos, todos muito mais temíveis. Trinta anos mais tarde, Clodoveu tê-los-á vencido, à excepção dos Burgúndios, tornando o seu reino no mais vasto do Ocidente.

Tendo, segundo a lenda, prometido converter-se ao deus da sua esposa Clotilde, por ocasião da batalha de Tolbíaco, deixa, à sua morte, em 511, um país em paz, regido por uma administração galo-romana eficaz, e solidamente apoiado pela Igreja. Segundo a tradição sálica, seus quatro filhos dividem então as suas propriedades.

Clotário

O mais novo, Clotário, é também o mais cruel, o mais despido de escrúpulos, tal como o seguinte episódio o ilustra: quando os filhos de Clodoveu conquistaram em conjunto a Borgonha, ainda sob domínio burgúndio, um deles, Clodomiro, morreu em combate. Ao saber da morte de seu irmão, manda raptar a viúva de Clodomiro e casa com ela, apoderando-se, igualmente, do reino de seu irmão. Mas Clodomiro tem três filhos que, um dia, poderiam vir a contestar tal anexação. Aquando da morte de seu pai, eles são recebidos pela avó, Clotilde, a própria mulher de Clodoveu, ficando sob protecção de Quildeberto, rei de Paris. Mas este envia a seguinte mensagem ao irmão Clotário: «A nossa mãe conserva a seu lado os nossos sobrinhos e quer vê-los a herdar o reino. Apressa-te a vir a Paris, deliberaremos em conjunto e decidiremos a sua sorte: ou que usem a cabelo cortado, como as pessoas de condição servil, ou que morram. Então partilharemos o reino equitativamente!³». Os dois tios optam pela segunda solução e matam, com as próprias mãos, os infelizes Teodebaldo, com dez anos, e Guntero, com sete, golpeando-os com uma adaga. Só o mais novo, Clodoaldo, com dois anos, escapa à carnificina. Os guardas conseguem efectivamente salvá-lo do furor mortífero dos dois reis e exilam-no na Provença. No fim de sua vida, Clodoaldo regressará à região parisiense, onde se votará à vida religiosa. Clodoaldo tornar-se-á São Clodoaldo e dará o nome à cidade que acolheu as suas relíquias. O local onde se encontrava a sua cela monástica passará a ser conhecida por A Cela São Clodoaldo.

Quando o filho mais velho de Clodoveu, Teodorico, rei da Austrásia (o reino do este, que vai do Sena ao Véser), morre de doença, em 534, Quildeberto tenta adoptar o seu filho Tiberto. Mas este, com quinze anos de idade, prefere assumir sozinho o poder; o que faz até um acidente de caça lhe pôr termo à vida. E Clotário herda o seu reino.

Finalmente, com a morte de Quildeberto, a 13 de Dezembro de 558, Clotário torna-se o único senhor de todas as terras francas. Vão ser necessários quarenta e sete anos para que o reino de Clodoveu volte a ter um único senhor.

O país dos Francos

Este país, a que por vezes chamamos Francia, mas usamos com mais frequência o nome de seu rei ou da sua capital, tornou-se no maior e no mais poderoso reino da Europa. Exceptuando a Bretanha, a oeste, que permanece autónoma, ele estende-se para este, muito

além das actuais fronteiras de França, englobando a Bélgica e a Suíça e penetrando bem no interior da Alemanha, até ao Véser.

Os Francos, no entanto, eram pouco numerosos. No tempo de Clodoveu, julga-se não serem mais que cem mil para seis a dez milhões de Gauleses. Mas eram guerreiros, enquanto que há muito a população gaulesa tinha renunciado às armas. A administração tinha sempre uma influência romana. Os Francos adoptam-na sem hesitar, renegando ao mesmo tempo a sua própria língua germânica, a favor do baixo-latim, mais ou menos falado no país (continuando o gaulês a ser utilizado nos campos, assim como os inúmeros dialectos locais). Os únicos vestígios da língua franca persistem nos comandos militares, nos nomes das armas e dos cargos, mas sobretudo nos nomes próprios que, à semelhança dos Índios da América do Norte, têm sempre um significado. Esses nomes, ainda em uso nos nossos dias (Gerardo, Roberto, Teodorico, Bernardo, Ricardo, etc.), entram «na moda» e são rapidamente aceites pela população galo-romana. Alguns, todavia, conservam-se reservados para a elite dos dirigentes.

Clodoveu, já o dissemos, é o afrancesamento do nome que significa «Combate de Glória». O prefixo clo, reservado à família real, é extremamente comum entre os Merovíngios: Clódio («O Glorioso»), Clotário («Exército de Glória»), mas também Clodoaldo, Clodoberto, Clotilde, Clodomiro...

O mesmo se sucede com o sufixo bert, que significa «brilhante»: Sigeberto Quildeberto («Combate Brilhante»), Cariberto («Brilhante no Exército»), Dagoberto («Dia Brilhante»)... E, uma vez que as famílias reais dos Francos têm por hábito atribuir aos seus recém-nascidos nomes dos seus antepassados ilustres, podemos-nos, facilmente, perder por entre os meandros dos elos familiares. O rei Quilperico, neto do grande Clodoveu, chamará aos três filhos seus Meroveu, Clotário e Clodoveu, uma forma de sublinhar a sua nobre ascendência.

No momento em que começa esta narrativa, Clotário e Quildeberto, os dois últimos filhos de Clodoveu, governam um país enfraquecido pelas incessantes guerras e com as suas fronteiras ameaçadas pelos Saxões e pelos Turíngios, também eles repelidos pelos Hunos. Todavia a ameaça mais terrível de todas não virá dos Saxões nem dos Hunos, mas do ódio obstinado e mortífero entre duas mulheres, duas rainhas inimigas, duas mulheres de raça: as rainhas de púrpura, Fredegunda e Brunilda.

Vai ser esta noite. Não sei quando vão vir, nem quem virá. Sem dúvida alguém de quem não desconfiarei. Uma mulher, um pagem. Um amigo... Nem sei como me vão matar. Veneno, cutelo. Antes queria o cutelo. Foi assim que morreu teu pai.

Poderia ter-te contado isto de viva voz, mas ainda és muito novo para entender quem era tua mãe. Dir-te-ão que era uma santa, dir-te-ão que era uma bruxa; que assassinei reis, príncipes e bispos, e até que matei teu pai. Porém, a única pessoa que verdadeiramente odiei continua viva, e é ela que me vai matar.

Gostava tanto de voltar a ver-te uma última vez! Só ao imaginar-te a dormir na tua pequena cama, as lágrimas saltam-me dos olhos e diminui-se-me a coragem. Não é a morte que me assusta, há muito que a aguardo, mas a ideia de que ficarás só e que já não poderei proteger-te.

É estranho pensar que estou viva enquanto escrevo estas linhas, e que já não o estarei assim que estas estiverem acabadas... Espero que me concedam tempo para contar-te tudo. Gostaria tanto ver-te uma última vez, beijar a tua bochecha rechonchuda e abraçar-te, com muita força! Mas se eu deixar este compartimento, sei que não chegarei até ao teu quarto. Esta noite é demasiado curta para abreviá-la, errando pelos sombrios corredores desta fortaleza. Condenada à morte, prefiro ver quem me mata e não lhe poupar os remorsos de me ver ferida. Quero que o meu último olhar os persiga para sempre. E quero que tu me vingues, meu filho, quando tiveres idade para fazê-lo.